

C B
H A

40º COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO



40° COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO

Realização



Co-realização



Universidade
Federal de
Uberlândia



**CBHA - Comitê Brasileiro de História da Arte
Fundado em 1972**

Presidente de honra: Walter Zanini (*in memoriam*)

Diretoria do CBHA (2020-2022)

Presidente: Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente: Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Secretária: Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro: Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo (2020-2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Blanca Brittes (UFRGS)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire (UFBA)

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

Comissão de Organização e Comitê Científico do 40º. Colóquio do CBHA

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU / CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ)

Bianca Knaak (UFRGS)

Camila Dazzi (CEFET – RJ)

Eduardo Veras (UFRGS)

Fernanda Pitta (Pinacoteca do Estado)

Maria Inez Turazzi (UFF)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP)

Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tadeu Chiarelli (USP)

Imagem da Capa

Sandro Ka, Imagem e semelhança, 2013. Gesso e borracha, 26 x 17 x 6 cm. Foto: Santo Clic

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (40: 2020)

Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em diálogo

(evento online), 7 -11 nov. 2020 (Organização: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). Uberlândia: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2021 [2020].

375 p : 21x37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.40>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do XXXIX Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

Publicações, colóquios anteriores e demais informações estão disponíveis em:

<http://www.cbha.art.br/index.html>

Contato: cbha.secretaria@gmail.com

Squat: memória de um encontro, de Andrea Eichenberger

Niura Aparecida Legramante Ribeiro, Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ CBHA

Resumo

Este artigo discorre sobre a obra denominada *Squat* (2013), da artista brasileira residente em Paris, Andrea Eichenberger. *Squat* é um termo inglês também usado pelos franceses para significar a ocupação de forma irregular de um imóvel vazio. Trata-se de um livro de artista, constituído por quarenta e sete fotografias que são intercaladas por uma narrativa textual. Por meio de uma visão antropológica, a artista, ao mesmo tempo em que resgata uma memória biográfica, mostra, ainda, um problema social que é da falta de moradia nos grandes centros urbanos. Este é um trabalho de grande atualidade em tempos de descartabilidade, de individualismo ou de efemeridade de relações no mundo contemporâneo, como apontam Gilles Lipovetsky e Zigmunt Bauman.

Palavras-chave: Andrea Eichenberger. *Squat*. Livro de artista. Fotografia. Memória.

Résumé

Cet article traite de l'œuvre intitulée *Squat* (2013), de l'artiste brésilienne basée à Paris, Andrea Eichenberger. *Squat* est un terme anglais également utilisé par les Français pour désigner l'occupation irrégulière d'une propriété vacante. C'est un livre d'artiste, composé de quarante-sept photographies entremêlées d'un récit textuel. Par le biais d'un regard anthropologique, l'artiste, tout en sauvegardant une mémoire biographique, montre aussi un problème social qu'est le manque de logement dans les grands centres urbains. Il s'agit d'un travail très actuel à l'heure de l'abandon, de l'individualisme ou des relations éphémères dans le monde contemporain, comme le soulignent Gilles Lipovetsky et Zigmunt Bauman.

Mots-clés: Andrea Eichenberger. *Squat*. Livre d'artiste. Photographie. Mémoire.

“A troca entre a experiência e a memória é uma troca entre o mundo e a imagem”¹

Para além da memória mental, de que forma se pode guardar a passagem do tempo? O que fazer para manter um afeto quando não é mais possível tê-lo presencialmente? Como um espaço pode contar histórias? Construir uma ausência figurada por meio da imagem é o que fez a artista brasileira residente em Paris², Andréa Eichenberger com seu trabalho denominado *Squat* (2013). Esta obra se configura como livro de artista³ composto por quarenta e sete fotografias acompanhado de um texto que narra uma experiência de caráter antropológico e o processo de realização do trabalho (Fig. 1).



Fig. 1. ANDREA EICHENBERGER. *Squat*, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista

Andréas Huyssen observa que desde a década de 1970 tem acontecido manifestações sobre a memória nas artes, entre as quais, “a difusão de práticas memorialistas nas artes visuais, geralmente usando a fotografia como suporte”.⁴ Sem dúvida, a fotografia tem trazido inúmeras possibilidades de expressões ao campo da arte, entre as quais a de criar narrativas de afetos e indagações sobre o modo de vida contemporâneo. É a capacidade que tem a imagem técnica de fixar

¹ BELTING, Hans. *Pour une anthropologie des images*. Paris: Éditions Gallimard, 2004, p. 91.

² Artista visual e pesquisadora em Fotografia, Arte e Antropologia. Site da artista: <https://www.andreaeichenberger.com/>

³ *Squat* é constituído por 7 exemplares do livro, sendo que um deste se encontra no CRP/Centre Régional de la Photographie Hauts-de-France, em Douchy-les-Mines, França. Há, ainda, um vídeo sobre o trabalho: <https://vimeo.com/361817575> - Senha: squatparis

⁴ HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória – arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000, p. 14.

lembranças que interessa a alguns artistas que a utilizam em suas práticas artísticas. Se se pode considerar o esquecimento como uma memória escondida, a fotografia tem o potencial de trazer à luz e revivificar experiências do passado. A fotografia, para Hans Belting, “não cessou de abrir novos horizontes para a análise visual do mundo”.⁵

Nas cidades, especialmente em edifícios, as pessoas estranhas umas às outras vivem como se fossem ilhas e residem por anos sem se aproximarem, seja por falta de empatia ou por terem um tempo escasso seguindo uma rotina corrida de dedicação ao trabalho e à família. Entre as reflexões do sociólogo Zigmunt Bauman que caracterizam o mundo contemporâneo estão a presença do individualismo, a fluidez e a efemeridade de relações que enfraquecem o exercício da solidariedade e fazem crescer a insensibilidade em relação aos sofrimentos do outro. Este autor, ao falar sobre o comportamento das pessoas mostra que “as ligações frouxas e compromissos revogáveis são os preceitos que orientam tudo aquilo em que se engajam e a que se apegam”.⁶ Se tal constatação se efetiva em grande parte da sociedade, este não é o caso adotado por Andrea Eichenberger, para quem os laços sólidos de amizade e a sensibilidade para com dilemas do outro constitui seu modo de vida. A artista pontua como escolhe os assuntos para suas poéticas:

meus temas estão ligados ao que eu vivo, às coisas que eu sinto muito de perto. Às vezes, eu escolho trabalhar sobre as coisas que me agradam, outras vezes, sobre as coisas que me incomodam.⁷

E é sobre isto que trata a obra *Squat*. John Tagg, ao definir um retrato, diz que este “tanto pode ser uma descrição física como a inscrição social de um indivíduo”.⁸ É esta inscrição social que Eichenberger parece estar interessada ao construir narrativas textuais e visuais para *Squat*. Pode-se dizer que nesta obra há dois tipos de retratos: no texto e nas imagens do apartamento de Y., assim denominado pela artista. E um complementa o outro, trabalho que bem poderia ser um documentário sobre a passagem do tempo e o modo de vida contemporâneo de uma pessoa idosa. Para compreender as intencionalidades das escolhas fotográficas da artista no espaço do apartamento, é importante conhecer uma pouco da identidade de sua vizinha por meio de uma narrativa verbal.

Squat é um termo inglês, também utilizado pelos franceses para caracterizar uma ocupação irregular de uma residência vazia. De 14 de fevereiro de 2013 a 29 de abril do mesmo ano, Andrea passou a ocupar o apartamento vizinho de uma senhora idosa que falecera aos 90 anos de idade e com a qual havia convivido. Tal ideia veio após ser solicitada pela filha dessa senhora, moradora de outra cidade ao lhe entregar as chaves, para que, de tempo em tempo, mantivesse as janelas abertas e as luzes acesas para mostrar que, no apartamento, ainda

⁵ BELTING, Hans. Op. cit., p. 60.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 11.

⁷ EICHENBERGER, Andrea. Entrevista para Michel Poivert, 2013, p. 4.

⁸ TAGG, John. *El peso de la representación*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005, p. 53-54.

poderia haver morador. Assim, nas palavras da artista, aproveitara a ocasião para, “eu mesma, ocupar o apartamento, fotografar a ausência de Y., contar sua história e homenagear essa existência, que foi paralela à minha durante os 5 últimos anos em Paris” (Fig. 2).⁹

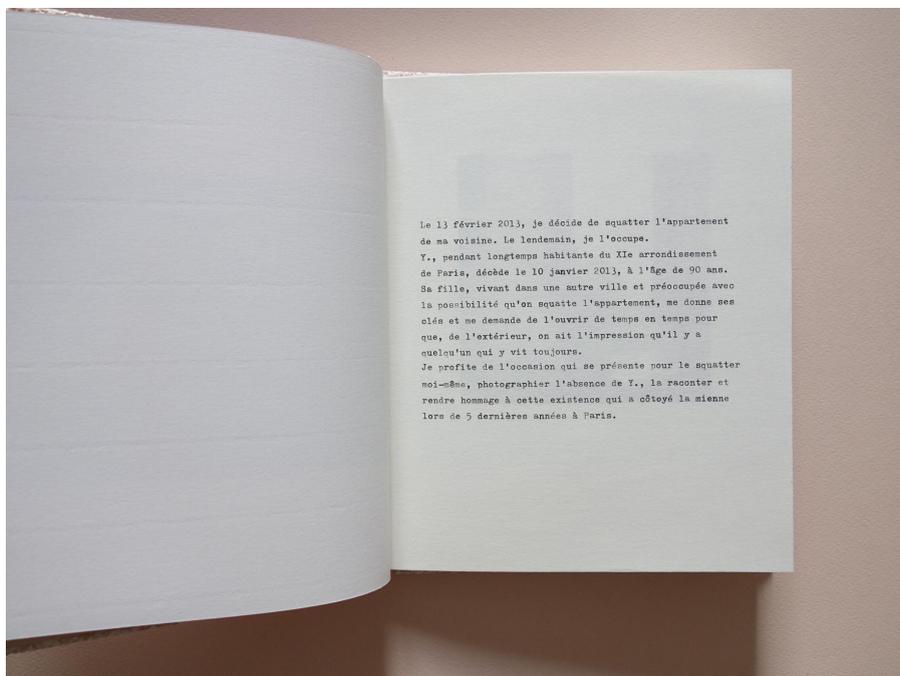


Fig. 2. ANDREA EICHENBERGER. *Squat*, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista

O texto escrito pela artista narra a identidade de sua vizinha, quando jovem, a identidade social - a origem, o modo de vida, o antigo trabalho, a relação com a cidade de Paris; e, com idade mais avançada, época do convívio entre as duas, a identidade pessoal - as perdas que sofreu, a solidão, as limitações de visão, as motoras para deslocamentos e para escutas. Apesar da condição física debilitada, mantinha uma condição de memória bem preservada, tanto que Y. se lamentava por tais impedimentos físicos ao repetir: “sabe, não se deve envelhecer”.¹⁰ Andrea desenvolve com sua vizinha uma relação de amizade, de afeto, de escuta, pois é única pessoa que a visita a partir de um certo momento. Os anos finais da vida de Y. podem apontar para o que Gilles Lipovetski¹¹ detecta no mundo da vida na pós-modernidade que se caracteriza por contratos temporários, como a descartabilidade, a efemeridade e a volatilidade. Em uma civilização do efêmero, de hiperindividualidades, de obsolescência de amizades, *Squat* segue na contramão dessas prerrogativas, ao amenizar a volatilidade das relações humanas e, portanto, burlar o individualismo tão característico no mundo contemporâneo. Y. a espera com cafés e bolos como “o *quart Breton* e a *Madeleine* para falar da sua vida, da vida e das transformações do prédio, do bairro, da cidade, durante os

⁹ EICHENBERGER, Andrea. *Squat*, 2013.

¹⁰ Apud EICHENBERGER, Andrea. *Squat*, 2013, Op. cit.

¹¹ LIPOVETSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Bancarolla, 2004.

últimos 50 anos”.¹² Elas se tornam cúmplices, estabelecem seus códigos, como o de apertar três vezes a campainha por ocasião das visitas. E, assim, a artista vai formando no seu imaginário, o perfil de alguém em situação de abandono afetivo e se comove, quando diz: “sua solidão me toca. Resolvi contar a nossa história para pensar o que me toca muito que é a solidão e o abandono das pessoas idosas nas grandes cidades”.¹³

A narrativa presente no texto de *Squat* não somente reconstitui a memória da experiência do convívio entre as duas, como também a escrita datilografada evoca a memória de uma tecnologia do passado e, ainda, de ausência de pessoa próxima à artista, que muito se utilizou dessa tecnologia.

A decrepitude de Y. ao longo do tempo é percebida por Eichenberger, que a vê perder ainda mais as forças físicas, não sai mais à rua,¹⁴ ouve somente fragmentos de sons quando se põe na janela para ouvir vozes da rua e, por paradoxal que possa parecer, tem em casa os meios tecnológicos como companhia: telefone, televisão ou rádio. Pela narrativa criada pela artista, pode-se dizer que é um retrato sobre o que a vida e o tempo vão retirando da vitalidade dos corpos físicos.

No relato da artista sobre a ocupação do apartamento, percebe-se um comportamento de um olhar treinado para observar, antes de fazer suas escolhas sobre o que enquadrar:

Entro no apartamento, abro as cortinas, as janelas e olho, olho, olho.
E então, fotografo, fotografo, fotografo.
Eu crio os meus hábitos.
A ausência de Y. está ali, bem presente, cada vez mais presente.
A ela me habituo.¹⁵

À luz deste retrato da sra. Y., compreende-se as escolhas dos elementos que a artista fotografou para o livro. Se o relato textual é pleno de afeições que aguçam emoções ao lê-lo, e isso leva a refletir sobre a passagem do tempo e as limitações que este vai impondo ao corpo ao longo da vida, nas imagens produzidas pela artista, há uma depuração de sentimentos que se mostra perfeitamente em consonância com a vida de solidão e abandono na qual vivia a idosa. Vê-se que o interesse de Andrea está nos elementos que podem representar, de forma mais significativa, a ausência de Y., ao realizar a ideia de um retrato que descreve não somente a identidade da habitante daquele espaço, como também elementos que marcaram a vivência da amizade. Este diário de imagens contempla tomadas fotográficas mais gerais do espaço - quarto, sala e cozinha que dimensionam a pequena área do apartamento, o corredor do prédio, como

¹² EICHENBERGER, Andrea. *Squat*, 2013, Op cit.

¹³ Idem.

¹⁴ Na França, o governo paga para uma pessoa que vai alguns dias na casa de idosos para realizar faxinas e compras de supermercado.

¹⁵ EICHENBERGER, Andrea. *Squat*, 2013, Op cit.

também, enquadramentos mais aproximados que mostram objetos individualizados dos pertences de sua vizinha. A apresentação do livro é composta por imagens dispostas em trípticos, individuais e intercaladas pelas narrativas do texto em escrita datilográfica. Os trípticos reforçam o caráter narrativo de suas imagens, como em uma sequência aludindo a um regime de cinema. E estes mostram uma mesma tipologia de objetos de um determinado ambiente: quarto – cama, chinelos, *abajour*; sala – televisão, telefone e rádio; cozinha – louças, lajotas do piso e fogão; ou – mais gerais – três tomadas de cortinas, de paredes e do corredor do edifício.

As imagens fotografadas não foram escolhidas a esmo, mas têm uma razão de ser, porque contam situações por elas vivenciadas. As três imagens da campanha (Fig. 3), capturadas em diferentes distâncias para mostrar a aproximação, revelam o código que existia entre elas: tocar três vezes para anunciar a chegada da artista; as louças da cozinha referem aos cafés que compartilhavam. Outras imagens mostram o modo de vida e a condição física de Y.: a persistência da presença física de retratos na parede, além dos objetos que proporcionam o conforto do corpo: bengala, chinelos e cama. Junto ao retrato, um suporte com correspondências que já não mais encontram seu destinatário e, portanto, perderam seu sentido (Fig. 4).



Fig. 3. ANDREA EICHENBERGER. Squat, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista



Fig. 4. ANDREA EICHENBERGER. Squat, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista

Por mais estranho que possa parecer, mesmo sentindo muita solidão, Y. possuía vários relógios a contar lentamente as horas passando e marcando a passagem do tempo (Fig. 5) – *Squat* mostra imagens de vários tipos dos relógios encontrados no apartamento. Os emblemas de comunicação que ainda mantinha, mesmo sem muito poder usufruir para ver e ouvir a televisão, o rádio e o telefone (Fig. 6). E as imagens das cortinas semitransparentes bem poderiam ser uma metáfora para os estágios da visão pois sua vizinha pouco enxergava.



Fig. 5. **ANDREA EICHENBERGER.** *Squat*, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista



Fig. 6. ANDREA EICHENBERGER. *Squat*, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista

A questão do tempo está também ligada à forma de apresentação do trabalho como livro e representa, segundo Andréa,

o tempo que ela vivia nesse apartamento de pouquíssimo espaço, esse tempo de tédio que ficava ali esperando o tempo e a vida passarem. Colocar páginas que se dobram e desdobram para colocar o espectador na atmosfera dessa coisa repetitiva, maçante, que evoca essa questão do cotidiano, sempre a mesma coisa, não tem novidade, é sempre tudo igual o tempo passando as coisas se repetindo.¹⁶

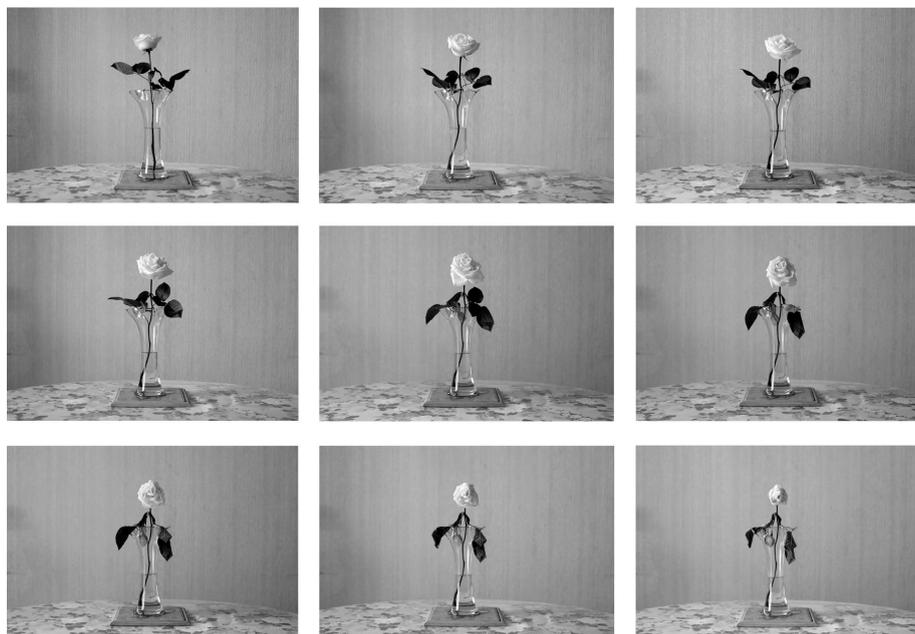


Fig. 7. ANDREA EICHENBERGER.. *Squat*, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista

Além de mostrar os pertences de Y., Andrea a homenageou, durante sua permanência no apartamento, com uma rosa que colocou em um vaso e foi

¹⁶ EICHENBERGER, Andrea. Entrevista para Niura Aparecida Legramante Ribeiro por *Whatsapp*, 2020.

fotografando a decomposição da flor como uma metáfora da vida e do tempo (Fig. 7). Este, que com sua implacabilidade, assim como traz a plenitude e o vigor, também destitui a densidade matéria dos corpos e das coisas do mundo. Com este gesto, artista rememora as vezes em que levou flores para sua vizinha, já que esta adorava recebê-las. A flor também marca uma narrativa temporal de duração do início ao fim de *Squat* e é apresentada de forma intercalada com as demais fotografias. À exceção das outras imagens do livro, estas das flores são em preto e branco, o que, além de criar um contraponto com as outras coloridas, também pode aludir ao silêncio de uma ausência.

O livro é finalizado com imagens de parede (Fig. 8), uma abstração, algo intransponível que também pode ser uma alusão ao túmulo, e com uma cortina fechada (Fig. 9), muito significativo da interrupção de uma jornada, como uma metáfora para a morte.



Fig. 8. ANDREA EICHENBERGER. *Squat*, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista



Fig. 9. ANDREA EICHENBERGER. *Squat*, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista

Há uma economia compositiva, nada em excesso, uma preferência por captar a frontalidade dos objetos, por situar os elementos em primeiro plano de forma centralizada que acentuam um rigor formal. Este mesmo rigor se mostra também na luminosidade baixa, sem dramaticidade, explicado pela própria artista: “eu não gosto muito de fotos contrastadas”.¹⁷ Pode-se aplicar às fotografias de *Squat*, o que o crítico francês Michel Poivert identificou em outro trabalho da artista, ao entrevistá-la: uma “forma de silêncio” e um olhar “bem minimalista”, entre os quais pela “escolha dos enquadramentos e dos assuntos.”¹⁸ Eichenberger escolheu trabalhar com a câmera de médio formato que se coloca a nível do busto e pode ter uma relação mais próxima com o fotografado.

Os meios de segunda geração, o verbal e as imagens fotográficas podem construir a história de uma ausência, mas não conseguem tornar palpável o próprio real. Para tornar a presentificação do afeto mais viva, mais corpórea, em um sentido tátil, a artista utilizou como capas dos exemplares de seu livro o restante dos rolos de papel granulado da parede do apartamento de Y. (Fig. 10), que foram descartados pela filha:

para mim isso era importante porque o livro deve passar outras sensações além do visual, da narrativa que ele carrega, como a textura do papel de parede na capa; as folhas internas têm uma textura e há dois tipos de papel o interior do livro: um papel mais fino para os textos e um papel mais grosso com as fotografias.¹⁹

Tal gesto simbólico traz, literalmente, uma parte da história vivenciada para dentro de sua poética: é um pouco da presença física da existência de Y., um real transformado em imagem.

O assunto de *Squat* não pode ser desvinculado de uma visão antropológica, como Eichenberger reconhece ao falar sobre suas fotografias: “para a forma, para a estética, acho que minha formação em antropologia tem uma influência em minhas escolhas. (...) Nessas idas e vindas entre arte e antropologia, tento reunir a força de ambas as disciplinas”.²⁰

Andrea sempre teve um interesse pelas pessoas e por questões sociais, políticas e culturais. No período de formação em artes já começou a se aproximar da fotografia e buscou realizar mestrado em Etnografia e doutorado em Antropologia, em Paris, como afirma a artista: “durante toda a minha formação em antropologia eu estava particularmente interessada pela foto e as maneiras de utilizá-la na antropologia”.²¹

¹⁷ EICHENBERGER, Andrea. Entrevista para Michel Poivert, 2013, p. 17.

¹⁸ POIVERT, Michel. Entrevista com Andrea Eichenberger, 2013, p. 14. Ao falar sobre algumas obras da série (in)Segurança” (2011-2013), disse Michel Poivert: Je parlais d’une forme de silence dans ce travail...par la pose, par le choix des cadrages, par le choix des sujets, c’est très minimaliste, Tu ne le dramatises pas, tu le montres un peu dans as froideur mais ce n’est même pas clinique.

¹⁹ EICHENBERGER, Andrea. Entrevista para Niura Aparecida Legramante Ribeiro, 2015.

²⁰ EICHENBERGER, Andrea. Entrevista para Michel Poivert, 2013, p. 14-15.

²¹ EICHENBERGER, Andrea. Entrevista para Michel Poivert, 2013, p. 02.



Fig. 10. ANDREA EICHENBERGER. *Squat*, 2013. Livro da artista. Fonte: arquivo da artista

Com *Squat*, Eichenberger não teve a intenção de mostrar, unicamente, uma experiência privada, mas queria, propositadamente, falar de uma problemática social que a incomoda, sobretudo nas grandes cidades, como a falta de moradia em Paris, conforme ela mesma explica:

ao falar de uma problemática pessoal, estou falando da falta de moradia ou do excesso de moradia vazia nessa cidade. Existe muito apartamento fechado e muita gente precisando de lugar para morar. Então, procuro tratar de problemática social, mas de forma poética. Não tenho a intenção de que seja um trabalho de denúncia direto como uma militância²²

²² EICHENBERGER, Andrea. Entrevista para Niura Aparecida Legramante Ribeiro, 2015.

Como se pode ver, *Squat* vai além de mostrar parte de uma determinada biografia na medida em que faz refletir sobre a vida urbana nas grandes cidades da sociedade contemporânea.

A artista tem, em sua trajetória, muitos trabalhos que falam sobre: a passagem do tempo, a ocupação do espaço, o modo de vida de determinados grupos, a privação da liberdade, a morte, entre outros. As limitações por problemas físicos como de saúde, insegurança, encarceramento, lugar para produzir e morar, aparecem em várias séries produzidas pela artista. Uma das perguntas que a artista se faz constantemente é de como os espaços podem contar histórias. Assim, grande parte de sua produção fotográfica procura responder a essa indagação.

Na obra *Translitorânea* (2012-2014)²³, a artista percorreu toda a rodovia brasileira que tem 4.500 km, a BR-101, fazendo uma série de retratos e vídeos de pessoas que vivem em torno desta estrada. Estava interessada em conhecer as histórias de vida das pessoas, as realidades sociais de zonas rurais e de pequenas cidades, muitas vezes abandonadas pelo poder público. Em *O Parque* (2017-2018), discute sobre um espaço público, a *Ponta do Coral* – ponta de terra que adentra o mar, em Florianópolis, Santa Catarina, que está ameaçado por um grande projeto imobiliário. Para esta série, Andrea criou algumas encenações, no parque, com personagens que se referem a obras da história da arte, como *Le Déjeuner sur l'herbe* (1882-1883), de Édouard Manet e ao cinema, como *Picnic at Hanging Rock*, de Peter Weir (1975). *O Jogo das paisagens* (2013), envolve a criação de textos e de imagens. A série é referenciada em romances de Umberto Eco, e, para tal, Andrea convidou moradores do Mediterrâneo que posaram para retratos e descreveram um lugar de afeto e a sua relação com tal espaço. A série *(in)Segurança* (2011-2013), associa etnografia, fotografia e vídeo. Esta proposta trata sobre espaços da cidade de Florianópolis, com imóveis de alto padrão, retratando moradores que falam sobre seus medos da violência e mostram os espaços com grades, chaves, guardas e animais que fazem a segurança.²⁴ A “arquitetura do medo” exige muros altos, como diria Bauman, “equipando os acessos aos blocos residenciais com câmeras de TV, contratando seguranças armados, dirigindo veículos blindados (...) usando roupas à prova de bala (...) ou frequentando aulas de artes marciais”.²⁵ Para *Cartas do campo* (2011-2012), a artista fotografou retratos e espaços ocupados pelos camponeses em busca de lugar para produzirem e morarem. *Les mille briques - os mil tijolos* (2015-2016)²⁶, questiona o espaço de encarceramento em uma prisão em Beauvais, França, por ocasião de sua desativação, buscado revelar as memórias do lugar a as histórias de vida das pessoas por meios de retratos de corpos que não mostram as identidades de seus rostos. *Sans titre* (2019), também fala de um encarceramento, porém em um Centro Psicoterápico de Saint Saulve, em Valenciennes, França. É um trabalho em colaboração com os pacientes que

²³ Este projeto foi realizado com o auxílio do Prêmio Funarte Mulheres nas Artes Visuais 2013.

²⁴ Foi projeto realizado com a antropóloga Marta Machado. O trabalho recebeu o prêmio UPP/Dupon Découverte 2012, na França.

²⁵ BAUMAN, Zygmunt, 2007, Op. cit., p. 92.

²⁶ O projeto, realizado no contexto de uma residência artística “Diaphane, Pôle photographique en Hauts-de-France”. O trabalho foi realizado em parceria com a psicóloga Isabelle Marseille.

realizaram fotografias dos espaços de vida e sobre seus cotidianos de vivências pessoais e íntimas: no jardim e nos interiores do centro. Este foi um projeto para construir a memória visual do lugar que encerraria suas atividades em 2019, após quarenta anos de existência.

Assim, tanto *Squat* como outros projetos realizados por Andrea Eichenberger possuem vínculos sobre as questões que abordam em relação à memória, as vivências em espaços que por uma razão ou outra acabam por limitar o ir e vir das pessoas no seu modo de viver na contemporaneidade. Os interesses da artista de ordens biográficas e sociais constroem os eixos de suas poéticas fotográficas. Colocar em evidência o modo de viver de determinadas pessoas e o registro de suas memórias, fotografando os rastros de presenças, estão no centro de seu interesse poético como ela própria constata: “reúno os vestígios de uma existência, de uma vida que fala de tantas outras (...) Eu construo a memória de um encontro”.²⁷

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BELTING, Hans. *Pour une anthropologie des images*. Paris: Éditions Gallimard, 2004.

EICHENBERGER, Andréa. *Squat*, Livro da artista, 2013.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória – arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Bancarolla, 2004.

POIVERT, Michel. *Entretien avec Andrea Eichenberger* à l'Institut National de l'Histoire de l'Art à Paris le 21 mars 2013 (fr).

RIBEIRO, Niura Aparecida Legramante Ribeiro. *Entrevista com Andrea Eichenberger*, em Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, Niura Aparecida Legramante Ribeiro. *Entrevista com Andrea Eichenberger por Whatsapp*, 2020.

TAGG, John. *El peso de la representación*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

²⁷ EICHENBERGER, Andrea. *Squat*. Livro da artista, 2013, Op. cit.

Como citar:

RIBEIRO, Niura Aparecida Legramante. *Squat: memória de um encontro*, de Andrea Eichenberge. *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em Diálogos*, Evento virtual, CBHA, n. 40, p. 279-292, 2021 (2020). ISSN:2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.40.23>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.html>